

ANGÚSTIA E DOR DE JOVEM SOLDADO ALEMÃO EM *AMAR E MORRER* DE ERICH MARIA REMARQUE

Anguish and pain of young German soldier in *Amar e morrer* of
Erich Maria Remarque

La angustia y el dolor del joven soldado alemán en el *Amar e
morrer* de Erich Maria Remarque

André L. Vasconcelos¹

Resumo: O romance *Amar e Morrer*, de Erich Maria Remarque, leva o leitor ao contexto da Segunda Guerra, em específico, no *front* leste, com a União Soviética. O romance é pautado na dor e no sofrimento de um jovem soldado alemão, consumido pela destruição da guerra, tendo amor e a esperança como pano de fundo. A narrativa de *Amar e Morrer* conduz o leitor ao seio da Alemanha, aos dramas e perplexidades do povo alemão, às esperanças e angústias de um casal. Mediante o seu personagem, o autor visa a analisar os questionamentos do soldado no tocante à morte e à guerra e de sua relação com a nação alemã e o governo nazista.

Palavras chave: Alemanha. Nazismo. Guerra. Soldado. Morte.

Abstract: Erich Maria Remarque's (1898-1970) novel *Love and Death* brings the reader into World War II context, specifically on the Eastern Front in 1944, during the Soviet Union and Germany battle. This novel is about the suffering of a young German soldier, consumed by the ravages of war with emphasis on love and hope. The *Love and Death* narrative leads the reader to the heart of Germany nation, the German people dramas and perplexities and about hopes and anxieties of a young couple in love. It refers mainly to Graeber's suffering and his relationship with his country and the national socialism government.

Keywords: Germany. National socialism. War. Soldier. Death.

Resumen: La novela *Amor y Muerte* de Erich Maria Remarque (1898-1970) lleva al lector al contexto de la Segunda Guerra Mundial, en concreto en el frente con la Unión Soviética en 1944. La estructura de esta novela es guiado por el dolor y el sufrimiento de un joven soldado alemán, consumida por destrucción de la guerra con el amor y la esperanza como telón de fondo. El *Amor y Muerte* narrativa lleva al lector al pecho de Alemania, los dramas y perplejidades del pueblo alemán, las esperanzas y las angustias de un hombre y una mujer que se aman. Por su carácter, el autor se propone analizar las preguntas de los soldados acerca de la muerte y de la guerra y su relación con la nación alemana y el gobierno nazi.

Palabras clave: Alemania. Nacional-socialismo. Guerra. Soldado. Muerte.

¹ Universidade Estadual de Londrina.

O FRONT ORIENTAL NA SEGUNDA GUERRA, 1944

[...] (os jovens) descobriram que o estigma predia-se não só aos indivíduos que tinham estado pessoalmente envolvidos nos atos de violência do período de Hitler mas a nação inteira. Todo o alemão sentia a força disso quando se encontrava com estrangeiros, mesmo que sua juventude o isentasse de qualquer participação nos acontecimentos estigmatizados. (ELIAS, 1997, p. 229).

Em seu livro *Minha Luta*, antes mesmo de se tornar Führer da Alemanha nazista, Hitler expôs seus argumentos sobre futuro confronto com o Império Soviético. Apoiado em contestações históricas, vazias e sem fundamentos que partiam de suas reflexões, afirmava que na Rússia houve “sim um maravilhoso exemplo de eficiência como criadores de Estados dos elementos germânicos no seio de uma raça inferior” (HITLER, 1920, p. 608).

Segundo ele, a infundada crença na superioridade cultural germânica e de sua raça, considerou povos, a exemplo dos eslavos, como inferiores. Por outro lado, com o bolchevismo, os judeus seriam responsáveis por usurpar e destruir a cultura da Rússia. Segundo Adolf, como os eslavos seriam uma raça inferior, haviam sido contagiados pelo judaísmo. Na Revolução e na Guerra Civil, os russos foram incapazes de manter o comando do povo, cuja nação, formada por diferentes etnias, tornou-se ideológica – a cidadania deixou de ser russa para ser soviética.

Mas o destino teria interposto a Alemanha no caminho da Rússia para acabar com a ditadura bolchevique e substituí-la pelo nazifascista, uma cria daquela pois, segundo ele: “Fomos escolhidos pelo destino

para sermos testemunhas de uma catástrofe que será a mais formidável confirmação da verdade da teoria racial” (HITLER, 1920, p.610).

Segundo o historiador britânico Mark Mazower (2013), no início dos anos 1940, Hitler parecia estar próximo de transformar em realidade a visão continental, conforme delineara vinte anos antes: “No fim do outono de 1941, ele esperava que o Eixo fosse o senhor militar incontestado da Europa. A Alemanha controlaria um território que se estenderia do Atlântico ao Cáucaso” (MAZOWER, 2013, p.180).

Erich Maria Remarque, nascido na Alemanha em 1898, morto em 1970 na Suíça, vivenciou os horrores do *front* na Primeira Guerra Mundial, a partir dos quais escreveu *Nada de Novo no Front*, best-seller de um dos autores alemães mais famosos. Tornado filme, o livro foi proibido pelo nacional socialismo devido à sua mensagem antibelicista e pacificadora. Em 1931, o autor emigrou para a Suíça e, dois anos depois, teve seus livros serem banidos e queimados por ordem da censura hitlerista, além da perda da cidadania alemã. Diante da guerra, emigrou para os Estados Unidos e escreveu crônicas hollywoodianas decorrentes do convívio com Marlene Dietrich e Greta. Retornou para a Suíça em 1948 junto com a atriz Paulette Goddard, ex-mulher do comediante Chaplin.²

Erich Maria escreveu o romance *Amar e Morrer* em 1954, no original *Zeit zu leben, Zeit zu sterben* (Tempo para viver, tempo para morrer) sobre o *front* leste durante a invasão da União Soviética. Segundo Remarque, Hitler estava certo da invasão rápida, vitoriosa e sem graves prejuízos para o Exército Alemão. Entretanto, essa convicção de vitória fácil na

² Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=61>. Acesso em: 25 mar. 2016.

ocupação do território soviético, se esfacelava à medida que os meses e depois anos passavam diante da resistência do Exército Vermelho. Embora, até o início da invasão, as tropas acreditassem na vitória, com o passar do tempo passaram a contestá-la devido às sucessivas derrotas das tropas alemãs assim como o enfraquecimento militar alemão. Um dos diálogos reflete a situação vivenciada, pois as expectativas eram piores para a maioria dos soldados de seus aliados (romenos, italianos, austríacos), embora, entre alemães, alguns ainda criam na vitória alemã com juras de lealdade ao partido.

[...] Nobre membro do partido, perguntou a Immermann trouxe nos comunicados a respeito da Rússia?

-Por quê?

-Por que estamos na Rússia, e isso interessa a alguns de nós. Ao nosso camarada Graeber, por exemplo. O rapaz da licença.

Steinbrenner hesitou. Não tinha a mínima confiança em Immermann; porém triunfou a sua lealdade ao partido. Anunciou bem compassadamente:

- A retificação da frente oriental já se acha quase completa. Os russos mostram-se exaustos por causa das perdas gigantes que lhe temos infligido. Estão preparadas novas posições bem amplas para o contra-ataque. Já se ultimou o dispositivo estratégico das nossas reservas. Será irresistível a nossa contraofensiva com as novas armas.”

Fez menção de erguer o braço, mas não o ergueu, de todo nem tornou a dizer: “Heil Hitler!” Rússia e Hitler eram palavras que não se coadunavam muito bem. Aliás, era difícil dizer qualquer coisa animadora sobre o assunto todos sabiam por experiência própria o que se estava passando (REMARQUE, 1964, p. 40-41).

Em sua narrativa é interessante observar certo choque de gerações entre

soldados que viveram a Primeira Guerra e aqueles que não compartilharam desse conflito. Essa experiência dos soldados tem relação aos mais jovens fazia com que tivessem uma visão mais realista acerca guerra e suas consequências para os alemães.

Remarque salienta esse tema no seguinte diálogo entre um jovem soldado e um veterano experiente cujo tema era a razão de insistir a guerra na frente russa, uma vez que a derrota alemã era iminente pois nem se lutava mais por uma rendição digna. Pelo contrário, os alemães propagavam o ódio, a morte além de quebravam regras e leis humanas, se é que tal é possível em meio às batalhas:

Jaziam enterrados como toras e troncos. Numa pequena colina atrás da aldeia, onde a neve não pudera tornar-se espessa, jogaram-na para longe com pás e abriram, em seguida, tumbas na terra propriamente dita. Trabalho árduo alias. Apenas enterraram os mortos alemães. Os cadáveres russos foram arremessados numa eira, ao acaso. E principiaram a cheirar mal quando o tempo melhorou. Tendo piorado o odor fétido, houve ordem de jogar-lhes algumas camadas de neve. Não era necessário enterrá-los, pois não se esperava que a aldeia permanecesse em mãos de alemães por muito tempo. O regimento achava-se com ordem de retirada. Os russos, que avançavam, que tratassem de enterrar seus mortos. (REMARQUE, 1964, p.6).

No romance, dois personagens questionaram o fato do Führer insistir no *front* leste de para que prosseguir uma decisão fadada à derrota. Os soldados analisam a iminente derrota que, além de os envolverem, implica na pessoa pública de Hitler e seus colaboradores que, pela descrição desses personagens, parecem-lhes antes corruptas, ensandecidas e, até mesmo, criminosas.

Em momento algum, esses soldados expressam opiniões referentes ao governo ditatorial do regime socialista nacional, a perseguição a dissidentes políticos, minorias étnicas, principalmente os judeus, fadados ao extermínio. Apesar de suas críticas à cúpula do partido, e desconfiança de nazistas mais importantes, mas silenciam quanto à política ou como decisões absurdas tomadas pelo *Führer* e certos comportamentos dos membros da cúpula.

A censura e o medo, estão presentes em regimes totalitários, como nas ditaduras e, principalmente, nas décadas do stalinismo na URSS e em seus países satélites do leste europeu, inclusive a Alemanha Oriental. Decorre, então, um vazio de alternativas e a dependência de um líder carismático, em que a lealdade prevalece mesmo diante de circunstâncias adversas e da derrota sendo iminente:

– Os S.S.- replicou Fresenburg com desdém. A gestapo, os embusteiros, os fanáticos, os assassinos, os insanos... só por causa desses é que ainda estamos lutando. Para que possam permanecer no poder mais um ano. Só por causa disso e mais nada. Faz muito tempo que já está perdida a guerra [...] Toupeiras, eis o que viramos. E pior que isso são nossas almas excomungadas. Não resta dúvida que fizemos um glorioso progresso (REMARQUE, 1964, p. 45).

Como romance, *Amar e Morrer* tem um valor importante não só literário, mas também histórico pois o autor leva o leitor a conhecer um pouco mais a realidade e do contexto do confronto bélico germano-soviético em terras russas como também na Alemanha de 1944. O leitor chega a sentir angústias e medos dos soldados alemães tanto na ocupação do território soviético como depois, na fuga, já no alemão.

Entender que a luta em si é apenas um dos vários fatores de uma violenta empreitada denominada guerra. Guerras não são como rixas de bar, ou confrontos domésticos que, por algum motivo maior, cheguem a atingir nações vizinhas. Na guerra, o confronto homem a homem se desenrola no palco aberto das batalhas terrestres, marítimas e aéreas. Além de provocar grande ansiedade enquanto os combatentes aguardam que se inicie, em tempos e lugares diversos, com a vontade enorme s de que logo termine.

A experiência da guerra, dos meses e anos passados entre a frente, as trincheiras e os hospitais, legou cicatrizes e marcas nos corpos e nas mentes de soldados. A vivência do conflito criou a sensação de que não havia mais possibilidade de ser ter uma rotina sem estar em guerras. Essa convicção tirou aquilo que de mais valioso existe na vida de um jovem: a alegria de viver, a privacidade e a esperança e a liberdade de forjar seu próprio futuro. A guerra foi vivida pelos soldados que a sofreram, convivendo diariamente com o medo e a angústia.

Dessa forma, o soldado alemão Graeber, personagem central de *Amar e morrer*, estabeleceu a imagem mais comum de seu dia a dia como soldado das tropas alemãs durante a Segunda Guerra. Era necessário manter-se frio e preparado diante das constantes mortes dos camaradas para ter a calma de sobreviver na tensão diária para conservar a própria vida. Aguentar essa uma condição humana vilipendiada, sob constantes deslocamentos sob ordens gritadas pelos os oficiais, em obediência cega aos seus superiores.

Desde a Grande Guerra de 1914, o medo fizera-se presente na rotina de quem vivenciou a Era da Catástrofe, com breve trégua na década de 1920, continuada após 1939. Perseguiu o exilado, estava presente

no campo de batalha e, durante os regimes ditatoriais, entre conhecidos ou até parentes.

Mal cessara a 2ª. Guerra Mundial, o regime totalitário da URSS impôs-se nos governos comunistas no leste europeu, controlados por Moscou até 1990. Também na regimes autoritários, de antes do conflito, tais como o franquista, na Espanha e o salazarista, em Portugal permaneceram meados de 1970. Sem contar as lutas coloniais de pós-1950 contra as ditas democracias britânica e francesa, ou outros regimes genocidas em países do Extremo Oriente e de ditaduras fraticidas na América Latina.

OLHAR DO PERSONAGEM NO FRONT

[...] parece-me que boa porção do mundo jamais percebeu quanto, por outro lado, os escritores, os cineastas e os veículos de comunicação alemães se concentraram no assunto desde o início passando a produzir em pouco tempo uma verdadeira enxurrada de livros, filmes, comentários e debates de qualidade considerável, tudo enfocando a degradação moral dos nazistas. E acredito que foi essa preocupação intensa com o passado de uma nação de eminentes escritores artistas pensadores, juízes e, sim, também como dos políticos daqueles primeiros anos, e sua capacidade de manter intacta as próprias convicções contra as pressões de grandes setores da sociedade que, mais do que o Plano Marshall e a conseqüente *Wirtschaftswunder*, tem sido a causada notável recuperação moral da Alemanha. (SERENY, 2007, p. 86).

O protagonista Graeber, apresenta a guerra ao leitor como a própria encarnação da violência e do sofrimento, semelhante ao que conhecemos ou vimos em películas acerca da

Segunda Guerra Mundial. Evidenciamos, por meio da história do jovem soldado alemão, que a guerra, diferente da paz, torna certas decisões e justificativas razoáveis, capaz de interferir em critérios morais do que seja certo ou errado. As percepções e interpretações das situações em que se encontram os soldados envolvidos no romance, não seguem instruções aleatórias, mas operam segundo regras que viabilizam tão somente um espectro limitado de interpretações individuais.

O dilema do certo ou errado na guerra é uma questão que ainda levanta muitos questionamentos, mas é violência na guerra que forja, a ferro e fogo, o soldados: como tratam prisioneiros de guerra, populações civis, guerrilheiros, civis em campos de trabalho forçado, as crianças perdidas ou órfãs, além da brutalidade nos estupros de mulheres. A violência da guerra abre uma lacuna de interpretação e ação que é exceção, e não regra, no cotidiano do cidadão.

Enquanto na vida civil matar é crime passível de punição; na guerra, não matar é crime condenado com punição severa enquanto o desertor sofria pena capital. Além do mais, longe dos olhos de sua comunidade, é considerado natural que ele se torne o opressor, com tortura e estupros; embora, em último caso, até possa ser clemente. Tais situações remontam ao espaço de violência aberto e aos decorrentes padrões interpretativos.

No romance, Graeber também desfruta de sua licença na Alemanha e visita Alfons, seu antigo colega de infância, onde conhece Heini, que havia regressado da *front* leste. Graeber ouvira falar da truculência das tropas da SS, mas os considerava excessivos, talvez, que até fossem boatos. Porém, enquanto os três bebiam, Heini relatava o excesso de violência praticado pelas tropas da SS contra a população civil russa e de como ele e alguns colegas executavam as suas vítimas:

- Vodca! ... - sussurrou Heini. - Nós a fazíamos correr em regatos. Depois a entornávamos pela goela abaixo dos animais e riscávamos fósforos, acendendo-a. Transformávamos os bichos em lanças chamas. Meninos, como era engraçado! Vocês morreriam de tanto rir! Belos tempos aqueles, Rússia!... (REMARQUE, 1964, p.180).

A violência das tropas nazistas e soviéticas em demais governos totalitários durante as guerras, pode soar comum quando há uma cadeia de ações na qual seres humanos agem como não o fariam em condições de paz. Nesse romance, soldados, mesmo que nem fossem antissemitas, matavam eslavos e judeus para defender seu país a unhas e dentes, mesmo que não se considerassem nazistas. Considero que devemos parar de ver a ideologia como único motivador e responsável por determinadas atuações. O elemento ideológico são alegados na deflagração das guerras, mas não justificam os crimes de guerra do cidadão tornado soldado.

- Sujeito amalucado esse Heini, Hem? Comentou Alfons. Disse isso como uma criança que se referisse com mistura de horror e admiração a um chefe índio.
- Faz-se de louco diante de gente que não pode defender-se - redarguiu Graeber. Ele tem uma anquilose no cotovelo, é por isso que não serve no exército regular. Resultado de uma briga numa cervejaria com os comunistas, em 1932. Eis o que o torna bárbaro. Rapaz tornou-se famosa essa história de pira de madeira e gente! - Alfons sugava agora um charuto apagado que acendera minutos antes quando Heini estava contando suas anteriores façanhas na Rússia. No entusiasmo da conversa o deixara apagar-se, - primeiro uma camada de madeira, de pois uma camada de gente que era obrigada a preparar o seu tabuado e deitar se nele, sendo então morta com tiros na nuca. Formidável, não?

- formidável sim.

- E as mulheres! Você fará ideia do que ocorria com elas?

- faço sim. Você gostaria de ver-se lá?

- com as mulheres?

- Não, com os outros. Diante das fogueiras e dos pinheiros repletos de enforcados... Ou junto de metralhadoras ceifando gente?...

Alfons refletiu um momento. Depois meneou a cabeça.

- Creio que não. Se bem me lembro, apenas assisti a isso uma vez. Não tenho temperamento para essas coisas. Sou muito romântico [...] (REMARQUE, 1964, p. 181-182).

Apesar da truculência descrita acima e do conhecimento acerca dos fuzilamentos coletivos e do tratamento dado aos prisioneiros de guerra, soldados como Heini têm a sensação de serem “bons rapazes”, ou como disse Alfons, “sou muito romântico”. Havia certa moral no decoro nazista, sobretudo contra o enriquecimento individual, como também de qualquer vantagem pessoal obtida por meio de crimes e assassinatos, estupros, saques etc.; tudo isso ocorria se feito em prol de um objetivo maior.

Atitudes como as descritas por Heini que, na concepção da moral-cristã são tidas como perversas, são justificáveis por meio dessa ética do decoro ou mesmo integradas na própria imagem moral como peças imprescindíveis. Essa forma da moral nazista, que prevê inclusive que as pessoas podem muito bem sofrer por fazerem esse “trabalho sujo” de assassinar os outros, possibilita que se mate alguém sem precisar se incomodar com isso, ao menos no sentido moral.

O grande tema do registro literário de Erich Maria Remarque ligado à guerra e o soldado é a falta de importância do elemento ideológico e dos “grandes” objetivos da guerra. A característica central de todos os soldados de *Amar e Morrer* são o desinteresse

e a irrelevância pela causa de sua situação. Essa afirmação não leva em conta apenas o estado decadente em que os soldados se encontravam nos campos de batalha. Vale até quando os combatentes bem sucedidos em suas operações, seja numa vitória rápida, ou com uma aldeia tomada que, na percepção dos soldados, não é abstrato como as chamadas para “a conquista do espaço oriental” ou para “a contenção dos bolcheviques”.

Tais ideias são apenas o pano de fundo da guerra e das ações de combate vinculados a ela, dificilmente serão motivo concreto para as interpretações e ações de cada um dos soldados nas situações em que realmente se encontram. Portanto, a grande marca psíquica e social da guerra presente na figura de Graeber, que o leitor pode observar, é a desilusão, ao se constatar que sob as tormentas de aço nos campos de guerra de exaustão não há espaço para o heroísmo nem para a ideologia.

A MORTE VERMELHA

Mais de três milhões de soldados alemães perderam a vida em combate, a maior parte na frente oriental. Entre junho de 1941 e junho de 1944, mais de 90 por cento das baixas em batalha do exercido foram infligidas pelos russos. Mais de um milhão de prisioneiros de guerra alemães deixaram de voltar do cativeiro russo. Calcula-se que quase três milhões de civis alemães também perderam a vida, sendo que pelo menos um milhão e meio na migração em massa de refugiados da guerra no leste. (BESSEL, 2002, p. 296).

A Segunda Guerra a violência presente em várias situações: no corpo dos mutilados, da simples agressão ou da violência sexual contra mulheres ou em seu último estágio, da morte súbita ou agônica. Morte essa sintetizada em crueldade horrenda com milhares de

cadáveres privados das atenções habituais a se decomporem de forma inominável, que tornados dejetos repugnantes, com resquícios de vestígios humanos. E a última imagem do morto, muitas vezes esfacelado pela fúria inimiga, fica estabelecida de maneira aguda nos relatos dos sobreviventes, imagens que perduram na memória e nunca se apagam.

Em sua escrita, Remarque expõe a imagem da morte tanto no meio militar e nos campos da morte, como pois também na experiência cotidiana da população civil alemã. Durante a sua licença, Graeber procura, em desespero, pela busca que, devido aos bombardeios incendiários, destruíram a sua antiga moradia. Na ânsia de encontrar seus entes queridos e seus familiares, o jovem passou por situações semelhantes de quem vivenciou a morte campos de batalha.

Na verdade, o que o leitor encontra não é um soldado acostumado com a violência e a morte, mas sim um soldado que foi embrutecido pela guerra. É evidente que os soldados se bestializam por meio da experiência com a violência e da confrontação com os corpos destruídos, companheiros mortos, ou como na guerra extermínio, com homens, mulheres e crianças assassinados em massa.

Em sua busca e pelas experiências vivenciadas durante o romance, observa-se o quanto a violência da guerra obstrui a dignidade do homem, depois que a morte foi banalizada pela violência beligerante. Rostos rasgados, gargantas cortadas, corpos pulverizados, profanação de cadáveres que, em diversas situações, tornam-se uma matéria qualquer; escudos descartáveis, objetos de trabalho e prazer até mesmo.

[...] os cadáveres mais mutilados acham-se lá dentro. Olhou bem para Graeber e esclareceu: É preciso coragem para

ver o estado a que ficaram reduzidos. Mas o senhor é soldado já se deve ter habituado. Graeber não fez nenhum comentário. Tinha visto tantos mortos em situações horrendas que não achou nada de extraordinário naqueles. Nem mesmo pelo fato de serem civis, e de haver muitas mulheres e crianças. Vira disso também, diversas vezes; corpos franceses e de holandeses não menos hediondamente mutilados do que os faziam lá dentro da capela. Tinha mesmo a impressão de que certos cadáveres congelados durante o inverno russo, em adiantado estado de decomposição e esquartejamento, inclusive cinquenta enforcados com cabeças, e peitos e pernas tumefactos, olhos gelatinosos, bocas abertas com línguas de fora, eram mais horríveis do que aqueles cadáveres recolhidos à capela. [...] (REMARQUE, 1964, p. 145).

Circunstâncias que fazem parte da situação natural da guerra e dos soldados, como matar, morrer e ferir-se podem ser sentidas pelo leitor em *Amar e Morrer* sem sequer precisar mencionar a todo instante. Percebe-se que todos os soldados deste romance não gostam de falar da morte. A causa certamente está na relação de proximidade e de espera que mantém com ela. A morte estava muito próxima dessas pessoas; assim como Graeber, os demais soldados já tinham a vista bem diante de seus olhos até com frequência, outros, pelo menos uma ou outra vez.

Ter medo da morte ou de matar, ter piedade do inimigo ferido e sofrer pelo amigo morto em combate são sentimentos que não combinam com a realidade da guerra. Mas em *Remarque*, essas características fazem parte da personalidade do soldado Graeber. Este mesmo foge à regra diante da atmosfera que o cerca pois para ele a morte acontecia somente durante as batalhas. Acreditava que longe dali a morte, os feridos e a violência da guerra não existiam. Quando partisse

para a Alemanha, encontraria uma vida sem a presença da morte, como a que deixou ao partir para guerra.

[...] A morte! A morte! A morte! Já estou saturado da morte! Por que voltei? Não foi com a idéia de me convencer de que mesmo nestes ermos destroços ainda havia vida? [...] Após aqueles anos a beira da morte o vinho agora não era apenas vinho, a bandeja de prata não era apenas prata e a música que invadiu a sala vindo de qualquer recanto não era apenas música- e sim eram símbolos daquela outra vida, da vida sem morte e sem destruição, da vida com sentido essencial de existência que se tornara quase um mito um sonho vão. [...] (REMARQUE, 1964, p.172).

Portanto, a morte está condicionada à guerra, em que o soldado é vítima de uma guerra em que não se vê quem se mata, mas sim quem tomba ao lado. Em *Amar e Morrer* evidenciamos que a Segunda Guerra abalou os princípios do discurso patriótico que transforma a morte em algo admirável e honroso, omitindo o horror de quem a vivencia. A morte na guerra é tida como a origem indigesta dos consecutivos lutos que se abatem sobre o soldado Graeber.

Após o recuo das tropas do Eixo em Moscou e, a seguir, a derrota sangrenta em Stalingrado, selaram o fim da rígida estrutura do Terceiro Reich e do regime nacional-socialista. A derrota incondicional dessa potência que havia se expandido até o Nilo e o Volga, levou às ruínas e os países derrotados, principalmente Alemanha, Áustria e Hungria, cujos territórios foram ocupados, saqueados e divididos entre os vitoriosos.

1944: ano em que Graeber presencia a guerra de uma Alemanha em ponto morto, onde o fascismo, similar a combinações químicas instáveis, decompôs-se em diversos

elementos: reação, niilismo, mistificação, superstição e ignorância. Uma cujas indagações e questionamentos acerca do seu futuro eram nefastas, principalmente para os alemães expulsos do leste e do que viria a ser a Alemanha Oriental. Graeber temia retornar do *front*, ciente de carregar uma grande culpa, do mal cometido em vão, contra pessoas inocentes e dos crimes de guerra, condenados em tribunais:

[...] na linha de frente muitas pessoas têm morrido sem que nada tenham feito de mal. Depois de reacomodar-se na cadeira, Polkmann perguntou:

- Ao falar em crime você se refere à guerra?

- Refiro-me a tudo que nos levou à presente situação. Refiro-me às mentiras, à opressão, à injustiça, ao uso da força. E refiro-me à guerra. A guerra é a maneira pela qual a empreendemos com campos de escravos, campos de concentração e o assassinio em massa de populações civis. [...] E Graeber prosseguiu: - Vi muitas coisas e estou ciente de outras muitas. Sei também que a guerra está perdida. Sei que ainda estamos combatendo para que o governo, o partido e as pessoas que nos levaram a isto possam permanecer mais algum tempo no poder criando miséria ainda maior (REMARQUE, 1964, p.191-192).

Execuções, agressões e estupros de civis não acontecem nos ataques bélicos e fazem parte da rotina durante as guerras Assim como também o bombardeio aéreo de alvos civis em desacordo com as normas internacionais e, até mesmo, o terror contra populações inteiras. Executar prisioneiros de guerra e milhares de civis não era um feito exclusivo das tropas

alemãs; o mesmo foi praticado por unidades soviéticas e norte-americanas.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O conhecimento das atrocidades por Graeber não causa espanto em vista que a maioria dos soldados alemães sabia dos crimes e dos excessos cometidos pelo nazismo. Não eram poucos os que tinham envolvimento direto, mas esses acontecimentos não ocuparam nenhum espaço privilegiado dentro do marco referencial de Graeber e dos soldados do romance. Para o soldado e seus colegas era mais importante a própria sobrevivência, a próxima licença junto à família, por isso não havia importância, sobretudo aqueles que eram definidos no quesito racial como “inferiores”.

O destino pessoal de cada um era para a percepção dos fatos e o protagonista confirma isso embora aponte para o fim trágico para Alemanha e sua aliada, a Áustria. Graeber assume a culpa alemã como sua e de toda nação, por terem seguido ideologia nacional-socialista. Mesmo que ele não mencione, sabe que a História ao longo do tempo condenará o povo alemão pelos atos cometidos na guerra, resta a ele buscar o perdão divino, o único e capaz de absolver sua culpa frente aos males cometidos pelo nazismo

[...] - Sim Deus Dave saber. Do contrário não haverá pecado original. O pecado original. O pecado original significa o que? A cumplicidade estendendo-se ao longo de milhares de gerações. Mas, onde principia a responsabilidade pessoal? Nos não podemos desculpar dizendo que estamos obedecendo a ordens. Ou podemos?

- Trata-se de coação e não propriamente de ordens. Graeber ficou muito atento, Poklmann disse ainda, embora com certa hesitação: - Os mártires do cristianismo não se submetiam à coação.
- Não somos mártires. Mas onde começa a cumplicidade? Perguntou Graeber. Quando é que aquilo que comumente se chama heroísmo se torna assassino? Quando não acreditamos mais nas razões aduzidas nem na finalidade do que fazemos? (REMARQUE, 1964, p. 193).

Com esse diálogo, Graeber demonstra a encruzilhada em que os alemães se encontram; viver alheio às acusações, na esperança de que o tempo curasse as feridas; ou repensar os acontecimentos e assumir as devidas responsabilidades, principalmente por terem deflagrado uma guerra indesejável. Na narrativa não consta que escolhessem um dos lados, somente dúvidas acerca do futuro sombrio da Alemanha.

REFERÊNCIAS

BESSEL, R. **Alemanha, 1945**: da guerra à paz. Tradução de: Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAVIES, N. **Europa na Guerra**: 1939-1945. Trad. Vitor Paolozzi. Rio de Janeiro: Record, 2009.

EHRENREICH, B. **Ritos de sangue**: um estudo sobre as origens da guerra. Trad. Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ELIAS, N. **Os alemães**. A luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KERSHAW, I. **Hitler**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MAZOWER, M. **Continente sombrio**: a Europa no século XX. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SERENY, G. **O trauma alemão**: experiências e reflexões, 1938-2000. Tradução de: Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

FONTE

REMARQUE, E. M. **Amar e Morrer**. São Paulo: Brasileira, 1964.

Recebido em: 24 de novembro de 2014

Aprovado em: 10 de fevereiro de 2015